



A face

FOTO: CORBIS OUTLINE

+ **seriados**

UMA NOITE DE BAR EM BAR, BEBENDO PARA ESQUECER
COM **KIEFER SUTHERLAND**, O ATOR QUE INTERPRETA O HERÓI
DE AÇÃO MAIS CELEBRADO DA TELEVISÃO MUNDIAL

oculta de

por erik hedegaard, da
revista Rolling Stone

KIEFER SUTHERLAND ESTÁ ANSIOSO pelo dia em que os criadores da série “24 Horas” fizerem com Jack Bauer o que aprontaram com tantos outros personagens: o matem, brutalmente, mas com poucas lágrimas.

“Não me leve a mal”, ele diz. “Amo o que faço”. Mas ele tem 39 anos e se sente um pouco reprimido e muito cansado. Tudo o que ele teve nos últimos cinco anos, dez meses por ano, foram 14 horas de trabalho diárias. Arma em punho, olhos apertados, voz intensa, salvando o mundo com métodos que podem não ser corretos, mas que nunca são errados. Não tem namorada na vida real, nem nada parecido com isso. Às vezes, se sente encuralado, enjaulado mesmo. Conseqüentemente, cai na garrafa de scotch de vez em quando e acaba se expondo.

“Chego a um ponto em que só consigo dizer ‘dane-se’”, conta em Los Angeles, no bairro onde mora, Silver Lake. “É egoísta e perigoso pensar que, se você trabalha muito, tem de ser recompensado com bebedeiras. Não é uma maneira legal de se viver e não quero viver assim. Mas é o tipo de escolhas que se faz”.

Eu tinha lido que, em público, Kiefer usa “um tipo de blefe, uma amabilidade superficial que parece esconder alguma coisa”. Isso também se diz de seu pai, aquele ator imponente, o grande Donald Sutherland, que já ajudou a definir épocas, com filmes como “M*A*S*H” e “Klute – O Passado Condena”. Mas quanto ao filho, considero-o franco e dis-



CHLOE O'BRIEN COMEÇOU ANTI-SOCIAL, MAS VIROU A COMPANHEIRA MAIS LEAL DE JACK; (ABAIXO, À DIR.) **AUDREY** RECUPEROU O CARINHO DOS FÃS AO APOIAR BAUER

KIEFER SUTHERLAND ESPERA PELO DIA EM QUE JACK BAUER VAI MORRER SEM TEMPO PARA LÁGRIMAS

posto a falar sobre qualquer assunto.

Agora, porém, ele me guia por sua coleção de guitarras clássicas (uma Gibson Les Paul 59, uma Fender Telecaster 67, uma ES335 68 e outros 55 modelos, mais ou menos) e diz frases de nerds da guitarra, como “Tá vendo? Essa tem um switcher do Jimmy Page, assim eu posso fazer isso e aquilo e redirecionar o som por toda ela. A qualidade de tons é impressionante!”

Alguns momentos depois de arranhar um Hendrix em uma de suas acústicas, ele diz: KIEFER – Quer sair? Vamos de metrô. Assim

podemos tomar alguma coisa, porque não posso dirigir. **EU – Não pode?**

KIEFER – Nããão... Seria ruim.

NA INFÂNCIA, ELE FOI JOGADO DE LÁ PARA cá. Nasceu na Inglaterra, batizado pelo pai extravagante com o nome de Kiefer William Frederick Dempsey George Rufus Sutherland. Aos três anos, sua mãe e seu pai já não se davam bem. O pai saía com Jane Fonda e o casamento se desfez.

O pai, astro de cinema maior do que a vida, tinha cabelo comprido e barba enorme. A jaqueta de couro tapava seus ombros. Ele levava o filho para a escola numa Ferrari que ganhou no pôquer. O pai era “diferente”. Os outros o mediam. Kiefer gostava e, em meados de seus 20 anos, se vestia igual.

Aos 15 anos, larga a escola para ser ator. Logo protagoniza “Quando chega o amor” e é indicado ao Genie, o “Oscar canadense”. Em 1985, faz seu primeiro filme em Hollywood, de Sean Penn, “Caminhos Violentos”. Na mesma época, faz uma ponta no programa de TV “Amazing Stories”, de Steven Spielberg. Em seguida, foi o líder de gangue em “Conta Comigo”, depois o vampiro charmoso de “Os Garotos Perdidos” e um caubói sensível em “Os Jovens Pistoleiros”.

Hoje em dia, escolheu viver num bairro salvadorenho e, à noite, passeando com sua collie chamada Molly, já teve uma arma apontada contra a cabeça. Sua casa é enorme, sem divisões de quartos, um grande salão, com meia parede que

separa o lugar de dormir. Kiefer teve uma vida conturbada, mas sua casa sugere um apego obsessivo à ordem. A cama está feita e parece recém-trocada; a caixa de cigarros no criado-mudo está alinhada com as arestas do móvel. Não há louça ou restos de comida na pia. Sua coleção de guitarras está organizada por modelos.

“Convidei o elenco de ‘24 Horas’ para jantar e ouvi Reiko Aylesworth, que interpreta Michelle, dizendo ‘legal ele ter limpado a casa’. Alguém respondeu: ‘Ele não limpou para você. Está sempre limpa’. Ela respondeu: ‘Credo’. Mas há muita desordem em tudo o que fazemos, é bom controlar a casa”.

Por que “24 Horas” faz tanto sucesso Kiefer não sabe ao certo, apesar de ter uma teoria: “As pessoas reagem a um cara que está enascado, se sai bem de algumas situações e falha em outras”. É superficial, mas é o que acontece com o próprio Kiefer. Por exemplo, enquanto faz sucesso entre as mulheres – com noites de farra garantidas – não pode pensar em nada mais profundo. E Kiefer há muito tempo reclama disso: “Me vejo como uma pessoa romântica. Estar com alguém vem da esperança e do desejo de se conectar. Se não, é melhor ir para casa e se masturbar. Na verdade, existe alguém de quem gosto muito. Mas tudo o que faço é trabalhar e dormir. Se esse for o objetivo, tudo bem. Mas, se você está a fim de se apaixonar, não vai conseguir. ➔

FOTOS: DIVULGAÇÃO



“24 HORAS” É UM ESPELHO DA AMÉRICA POS-11 DE SETEMBRO

por alexandre maron

COMO UM FILME DEMORA QUATRO ANOS PARA SER FEITO, ficou a cargo da TV reagir ao 11 de Setembro. E poucas séries foram tão hábeis quanto “24 Horas” em captar o que mudou no público americano depois da tragédia das torres gêmeas. A primeira temporada estreou em plena ressaca do atentado, gerando a especulação de que o seriado seria arquivado pelo canal Fox americano. No final dessa leva de episódios, Jack Bauer entra em modo “Desejo de Matar” e descarrega a pistola em um Victor Drazen (Dennis Hopper) desarmado e indefeso. Não houve grandes reclamações da imprensa nem do público. Joel Surnow, co-criador da série, me explicou durante uma entrevista no set de filmagem, que, naquele momento, já rodava o seu segundo ano, que o povo americano tinha mudado e que não queria mais ficar passivo diante de uma injustiça. Era o clima criado no país naquela época prestes a invadir o Iraque.

Não foi por acaso que, na segunda temporada, o honrado presidente David Palmer enfrentou uma conspiração dentro de seu governo para entrar em guerra contra três países do Oriente Médio. No fim, ele consegue a prova de que as evidências que o levariam ao conflito eram falsas. O governo Bush, no entanto, entrou em guerra mesmo sem ter provas das tais armas de destruição em massa, que nunca foram encontradas no Iraque.

No terceiro dia, Jack Bauer enfrenta um ex-agente inglês que ameaça liberar

um vírus mortal em solo americano. Em uma situação dramática, Bauer e Palmer cedem a uma chantagem e se sujeitam a matar um funcionário da burocracia americana. É o momento simbólico em que os americanos aceitam que, para se livrar dos inimigos, vão ter de abrir mão de seus direitos e princípios. O clima mudou no ano quatro, quando Jack passa a seguir ordens de um novo presidente e enfrenta terroristas cheios de recursos. Depois de salvar o país e o mundo diversas vezes em apenas um dia, Bauer é abandonado por seu governo e se vê obrigado a forjar a própria morte para escapar. Traído pelo governo? De onde os escritores tiraram essa idéia?

A temporada atual traz Bauer de volta com a morte de Palmer e sob a liderança de um presidente incapaz, que é manipulado por assessores desonestos e magnatas do petróleo. É o momento da desilusão final dos americanos com George Bush, com a guerra, com a perda dos direitos e com tudo mais. Em “24 Horas”, toda burocracia é castradora da imaginação e da iniciativa. Só mesmo um homem justo e incorruptível pode resolver os problemas. E para fazer isso, é preciso quebrar regras. A idéia é perigosa, porque diz que os fins justificam os meios. O espectador está ao lado de Bauer e sabe que ele faz coisas ruins com motivos nobres e que, em mais de um momento, se dispôs a morrer por seus princípios. Pena que o nobre Jack Bauer é apenas personagem da ficção.



+ seriados

Ele casou-se aos 20 anos com a atriz Camelia Kath. Tiveram uma filha, Sarah Jude, que está hoje com 18 anos, mas a união durou menos de dois anos, com o boato de que ele não saía de bares e dos braços de outras mulheres. Casou de novo, em 1996, com a ex-modelo Kelly Winn, e se separou em 2000, gerando os mesmos boatos. E foi entre um e outro casamento que aconteceu o noivado trágico com Julia Roberts, que ele conheceu nas gravações de “Linha Mortal”, em 1990. Eles formavam o casal mais badalado de Hollywood. Três dias antes do casamento, a atriz cancelou tudo e se mandou para a Europa com o melhor amigo do noivo, Jason Patric, o que disparou uma onda de matérias sensacionalistas dizendo que Kiefer estaria saindo com uma stripper, o que ele nega.

Você perdeu o Jason Patric?

Não se trata disso. Éramos amigos, e nunca recebi uma ligação dele para dizer que havia se apaixonado. Em vez disso, fiquei sabendo por um estranho.

DESDE ENTÃO, ELE NUNCA MAIS VIU JULIA, nem telefonou para parabenizá-la pelo nascimento dos gêmeos. Diz-se que ela ficou zangada com isso. Mas por quê? O que aconteceu foi há 15 anos. A vida continua.

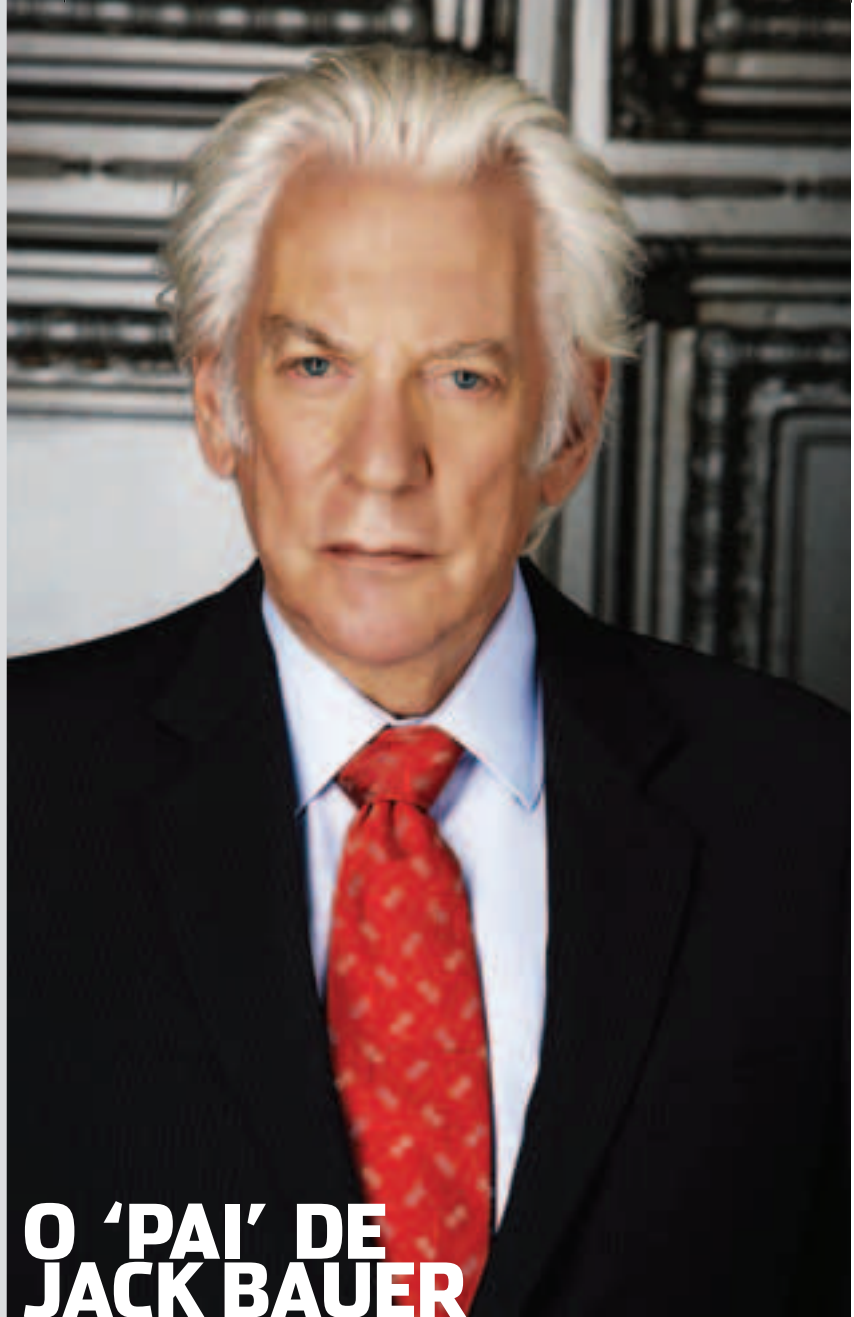
Após o caso Julia, sua carreira entrou numa fase de perplexidade. Ele esteve ótimo como o fuzileiro de “Questão de Honra” (1992), como um racista em “Tempo de Matar” (1996) e como um serial killer em “Freeway – Sem Saída” (1996). Mas também apareceu em muitas bobagens e em algumas porcarias feitas só por dinheiro. Foi criado um rancho que comprou na Califórnia, chegou a competir em circuitos de rodeio e a ganhar competições (e quebrar todos os dedos). Então, em 2000, recebeu uma ligação do amigo Stephen Hopkins, diretor que fazia o piloto de um programa de TV em tempo real chamado “24 Horas”. Ele queria este papel? Não havia erro. Se ficasse uma porcaria, ninguém veria o piloto. Se não, bem, talvez ele conseguisse um trabalho que durasse um ou dois anos.

“Quando ‘24 Horas’ se tornou um sucesso, as pessoas começaram a dizer ‘ressuscitado dos mortos’. No começo, pensei ‘ressuscitado dos mortos! Como assim?’. Às vezes, você não enxerga o tamanho da encrenca em que se meteu”, ele diz.

Problemas sempre estiveram por perto. Kiefer se meteu em um monte de brigas de bar. Certa vez, um insulto de um cara à sua mulher o tirou do sério. “Eu bati, bati e bati. Pensava: ‘não vou parar, não vou deixar o cara levantar’. Depois, me senti mal. Lembro que pensei que a vida é curta demais para ser levada assim”. Mas, na maioria do tempo, Kiefer é um cara que faz tudo por uma boa risada.

Beber é seu costume mais autodestrutivo?

É absolutamente o que me causou mais desgraças. →



O ‘PAI’ DE JACK BAUER ADORA ‘24 HORAS’

Quando Donald Sutherland entrou na sala lotada de jornalistas, durante uma conferência de imprensa que promovia o seriado “Commander in Chief”, imediatamente capturou os olhares e atenções de todos no local. De pé, ia respondendo perguntas disparadas rapidamente sem pensar muito, com uma vitalidade que em nada remete aos seus 70 anos de idade. Em poucos minutos, já tinha desviado o assunto da sua série e de seu personagem, a raposa política Nathan Templeton, para o programa protagonizado pelo filho, Kiefer Sutherland. Sem disfarçar a corujice, classificou “24 Horas” como a melhor coisa que tinha visto na TV. Confira a seguir os melhores momentos da entrevista coletiva em ritmo de espetáculo teatral (com direito a palmas de diversos presentes no final) concedida pelo ator.

Estamos em um momento especial para a TV, em que os bons atores, como o senhor e seu filho, estão em seriados que trazem roteiros de ótima qualidade. O que o senhor concorda?

DONALD SUTHERLAND – Bom, se você estiver usando eu e Kiefer como exemplos, está corretíssimo. Além de nós, não posso dizer nada. O seria-

do dele é fantástico. Digo, com todo o respeito pelo programa em que estou, o dele é simplesmente a melhor coisa que eu já vi na TV. E certamente é melhor do que os telejornais, além de muito mais fiel à realidade. Os parâmetros de um ator [de seriado] são diferentes do que é importante para um ator de cinema. Eu não tenho a menor idéia de como será meu futuro e estou aprendendo aos poucos sobre meu passado. É como se eu estivesse interpretando um homem com amnésia. Você pode examinar tudo sobre seu personagem, porque não está limitado àquela história contada em uma hora e meia, com início, meio e fim, a estrutura à qual fiquei preso por toda a minha vida.

Seriados como o seu e o de Kiefer podem falar de temas relevantes. Isso agrada a uma pessoa interessada em política, como você?

O mundo de nosso seriado funciona como um universo paralelo. Não existe a Guerra do Iraque. Fizemos um episódio sobre a Coreia do Norte, mas foi só. Se a série continuar, teremos eleições, e eu proponho que meu personagem vença. Já "24 Horas" é muito vital e atual. Mesmo que aquelas situações não sejam reais, você vê e sente que aquilo tudo poderia estar acontecendo, e eu adoro isso. Eu adoro aquele ator que faz o presidente, não sei o nome dele [nota do editor: é o ator Gregory Itzin], mas o cara é maravilhoso.

Pois é. Em "24 Horas", tivemos o primeiro presidente afro-americano da história dos EUA. Em "Commander in Chief" é a primeira Madame Presidente. O senhor acredita nesta possibilidade?

Eu acho que é essencial e acho que este país vai ser salvo de todos os problemas que temos a respeito do futuro dos nossos filhos. Não vamos conseguir resolver isso com um homem. Você precisa dar luz a eles para ser capaz de fazer sacrifícios políticos e reconhecer que o capitalismo não é tudo que promete ser.

A série poderia influenciar as pessoas e ajudá-las a aceitar a idéia de uma presidente na mesma medida que "24 Horas" fez com o presidente negro?

Eu acho que não. Mas eu gostaria que influenciasse. Por exemplo, sabemos que as comédias domésticas revelaram um modo de vida novo para diversas famílias. Nesse caso, funcionou, mas não sei se com política seria a mesma coisa.

É muito cansativo fazer TV?

O trabalho do Kiefer é milhões de vezes mais difícil do que o meu. Ele é a força motriz por trás daquilo. Tem também o trabalho de produtor executivo. É a alma e o coração daquilo e quando a gente conversa algumas vezes, ele está morto de cansado.

Sente-se orgulhoso do seu filho?

Não sei como isso funciona. Acho que é mais um caso de amor do que de orgulho. Tenho quatro filhos nesta comunidade. Os amo muito e cada um deles tem uma sensibilidade pela qual eu tenho um enorme respeito. Os três últimos carregam uma quantidade significativa do DNA da mãe, o que é excelente para eles.

5 MOMENTOS TERRÍVEIS

DIA 1 - 23H/0H Logo na primeira temporada, Jack sofre o maior baque, que de certa forma lhe deu a casca para resistir a todas as barras dos outros quatro dias infernais. Em um vacilo do qual ele não consegue se perdoar, a mercenária Nina mata a sua esposa, Terri Bauer, porque ela foi a única testemunha de sua fuga. Essa derrota de Jack estabeleceu definitivamente o clima da série.



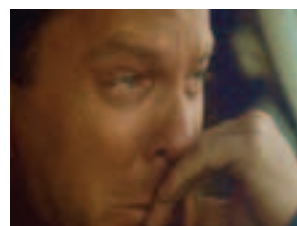
DIA 2 - 2H/3H O herói de "24 Horas" já ficou na fronteira entre a vida e a morte várias vezes. Pelo menos uma vez por temporada, ele passa por uma dessas. Mas aqui, após ser torturado, o sujeito morre mesmo por alguns minutos. O mais assustador é que, quando estava consciente, Jack não abriu o bico, não entregou os seus amigos nem o que os terroristas queriam. E ainda deu fim nos malvoadões depois de recobrar a consciência.



DIA 3 - 13H/14H O homem salvou os EUA (já naquele momento, várias vezes), mas não pôde evitar a morte da esposa. É taxado de autoritário e sua filha, que agora trabalha na UCT, não fala direito com ele. O que lhe resta? Após meses infiltrado num cartel de traficantes, Jack tem de experimentar heroína e acaba se viciando. Como não pode descarregar a arma na droga, ele vai ter de passar pela desintoxicação nos episódios seguintes.



DIA 3 - 12H/13H Dizem que homem não chora. Experimente, então, cortar o braço de um dos caras que trabalham com você – e, pior, é namorado da sua filha – para impedir que milhares de pessoas morressem intoxicadas. Mesmo assim, Jack resiste bravamente, não faz feio na frente dos outros e procura um lugar para derramar, só, as suas lágrimas. Mas o momento de fraqueza dura apenas 30 segundos.



DIA 5 - 7H/8H Você está exilado no seu próprio país (que lhe deve muito) e uma das únicas pessoas em quem confia (um ex-presidente) é assassinada. Isso sem falar que os seus amigos mais próximos começam a ser atacados. Basta procurar um lugar para se esconder, certo? Não se você se chama Jack Bauer. Aí, o negócio é se armar e partir para cima de todo mundo.



Por Luís Alberto Nogueira

KIEFER ACABOU DE FECHAR UM ACORDO DE US\$ 40 MILHÕES POR MAIS TRÊS ANOS DE “24”

Por causa do que você faz bêbado ou porque tem problema com a bebida?

Ele pensa por um segundo: “É um pouco dos dois. Sou uma figura pública, envergonhei minha família e, mais especificamente, minha filha. Bebo e não penso mais em nada. Não estou nem aí para nada. Isso está escrito no livro dos viciados em álcool e não sou burro. Sei que é minha culpa. No dia seguinte, digo ‘ai, meu Deus, não me deixe fazer isso de novo’. Então, por que eu faço de novo? E de novo?” Ele deixa esta pergunta no ar. Parece exasperado.

E esta é outra ótima característica de Kiefer: ele não tenta esconder ou adaptar para consumo suas pequenas complexidades, peculiaridades, vexames e contradições. Nunca, jamais tentou parar de fumar. A primeira tatuagem que fez foi de uma letra chinesa que significa força e o Mickey Mouse com um capacete de astronauta.

Ficou sabendo que há um jogo de bebedeira criado por fãs do seriado. Os participantes viram uma dose cada vez que o Jack Bauer fala “Damn it”. Então, durante um episódio, em uma cena, resolveu falar “damn it” três vezes. No final do capítulo, já tinha falado 14 vezes. “Eu imaginava os estudantes completamente bêbados.”

A noite em que Kiefer e eu visitamos alguns bares – ele prefere os sem glamour, pequenos e tranquilos, sem turistas. Pede ao barman um J&B no capricho e uma Coca-Cola. Do lado de fora do último bar da noite, o segurança diz pra ele: “É bom que você ainda esteja aí. Essas meninas disseram que, se você for embora antes de elas te darem uns amassos, tenho que te espancar. Kiefer ergue as mãos: “Não faça isso”, diz de forma engraçada.

As meninas se atiram para fazer com que Kiefer pouse para fotos com elas. “Obrigado”, ele diz. “Que Deus abençoe.”

Uma das falas preferidas de Kiefer vem do filme “Linha Mortal”. A caminho do metrô, ele a cita: “No fim das contas, todos sabemos o que fizemos”. E então, para ter certeza do efeito, a repete. ■

Tradução e adaptação: Carolina Requena

OS AMIGOS E INIMIGOS DE JACK BAUER

EM CINCO DIAS INCOMPLETOS, O AGENTE JACK Bauer conseguiu formar uma galeria invejável de amigos e inimigos. Como em “24 Horas” não existe personagem imortal, o espectador assiste aos episódios sob tensão porque sabe que, a qualquer momento, um dos adorados ou odiados coadjuvantes pode morrer. Os criadores da série insistem na idéia de que um dia provavelmente será a vez de Jack. Mas o pior é que, como o próprio Kiefer diz na reportagem ao lado, ele também quer ver seu personagem ter um triste fim, sem choro nem vela. Confira quem são os principais companheiros de elenco do agente da CTU. Alguns já não estão mais no seriado, enquanto outros vivem na constante incerteza do que pode lhes acontecer na próxima hora...

1

EDGAR STYLES (LOUIS LOMBARDI)

>> O hacker gordinho e boa-praça já salvou o mundo algumas vezes e conquistou o carinho dos fãs da série. Mas foi justamente essa popularidade que sugeriu aos escritores que sua morte seria um evento capaz de emocionar a audiência. Foi aterradoramente vê-lo engasgar no episódio em que a CTU é atacada por terroristas. O próprio ator disse em algumas entrevistas que ficou extremamente decepcionado com sua saída do programa. A corrente de fãs que queria ver Chloe e Edgar juntos sentiu um gosto de “o sonho acabou”

2

BILL BUCHANAN (JAMES MORRISON)

>> Quando Bill surgiu na reta final do quarto ano da série, parecia que vinha por aí mais um burocrata feito sob medida para atrapalhar Jack. A suspeita cresceu quando ficou claro que Michelle tinha se envolvido com ele em algum momento. Mas o que se viu foi o contrário. Bill pensa rápido, é íntegro, inteligente e leal. Quando Bauer comete seus excessos, Bill é o homem que acredita nele e se dispõe a, inclusive, ser punido para que uma missão atinja seus objetivos. É um aliado importante para um agente teimoso como o herói de “24 Horas”

3

CHLOE O'BRIAN (MARY L. RAJSKUB)

>> No início, Chloe era apenas uma nerd, que dizia palavras ríspidas aos companheiros por pura inabilidade social. Mas ela conquistou os fãs e, depois de pegar em armas e enfrentar terroristas no ano quatro, virou uma espécie de ícone. Tornou-se também a mais fiel companheira de Jack em suas estripulias, driblando a burocracia do governo. Esta temporada teve direito a cenas mais quentes com um namorado que, claro, era um traidor e acabou preso depois. Mas tudo bem, a atriz que interpreta a personagem tem certeza que Chloe é apaixonada por Bauer



24 HORAS, todas as segundas a partir das 21h, no canal Fox, 50

**1****2****3****4****5****6****7****8****4****5****6****7****8****MARTHA LOGAN
(JEAN SMART)**

>> Para inverter a situação que virou lugar-comum nas temporadas anteriores, enquanto o presidente é um incapaz, sua esposa é uma mulher honesta e cheia de fibra. Mas como ninguém é perfeito, Martha é desequilibrada, e toda vez que dá de cara com algum problema, as pessoas teimam em dizer que ela só pode estar delirando. A atriz conta que está desesperada para ver sua personagem ajudar Jack a matar algum terrorista e que suas tramas entediaram seus filhos, que querem ver a mãe pegando em armas e dando tiros para todo lado

**CURTIS MANNING
(ROGER R. CROSS)**

>> Como Tony Almeida foi preso por traição ao final do terceiro ano da série, entrou em cena Curtis. No início, estava confinado na CTU e parecia mais um burocrata que ia ficar no caminho de Jack. Mas quando Manning apareceu lutando contra terroristas e mostrou que era bom de briga, os escritores o transformaram em uma espécie de máquina de limpeza de extrema eficiência. Jack chega, cria uma enorme confusão e espera pela chegada do time de agentes durões liderado pelo infalível companheiro de trabalho

**AUDREY RAINES
(KIM RAVER)**

>> Ela foi criada no ano passado para ser a grande paixão de Jack. Só que, mesmo depois de ser salva por ele e vê-lo arriscar a vida diversas vezes, a moça insistia em achá-lo um brutamontes. Obviamente, a rejeição dos espectadores foi enorme, com ela se tornando a personagem mais odiada da série. Nesta temporada, Audrey ficou ao lado do herói e, pouco a pouco, recuperou a confiança e o carinho dos fãs do seriado. Mas isso só a coloca na alça de mira dos produtores. Afinal, Edgar e Tony mostraram que ser apreciado pelos fãs é algo muito perigoso

**CHARLES LOGAN
(GREGORY ITZIN)**

>> De um vice-presidente hesitante, que precisou da ajuda de David Palmer para gerenciar a crise sem precedentes da quarta temporada, Charles Logan virou um homem arrogante e viciado na ribalta. Mas nos bastidores, parece ser a mesma pessoa, sem princípios nem opiniões. É incapaz de decidir e procura sempre botar a culpa em alguém por suas decisões desastradas. Nem mesmo Jack e Bill Buchanan, homens leais a qualquer presidente, conseguem aguentar a incompetência do líder máximo dos EUA. Será que ele é tão ruim assim?

**TONY ALMEIDA
(CARLOS BERNARD)**

>> No primeiro ano, Tony tinha cara de agente traidor. Mas era só rivalidade com Jack por conta de Nina, essa sim, uma agente dupla. Logo, Jack e Almeida se tornaram amigos capazes até de formular um plano tão secreto que nem o então presidente David Palmer sabia da existência. Depois de virar traidor, sair da prisão, perder a esposa e se entregar à bebida, Tony foi resgatado por Jack e não tinha muito mais o que fazer. Os escritores guardaram o fim de Tony para um momento propício. Deixa um monte de sites de fãs apaixonadas